

CARDOSO, Juliana Carvlho; TONINI, Ivaine Maria. Os meios de comunicação, tecnologias digitais e práticas escolares de geografia. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014.  
Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

## OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIAS DIGITAIS E PRÁTICAS ESCOLARES DE GEOGRAFIA<sup>1</sup>

Juliana Carvalho Cardoso<sup>2</sup>  
Ivaine Maria Tonini<sup>3</sup>

### ANTES DO COMEÇO

O estudo constitui um olhar reflexivo sobre o uso dos meios de comunicações nas práticas pedagógicas da Geografia, com a intenção de problematizar, analisar e discutir o uso dos meios de comunicações no cotidiano da escola como dispositivos pedagógicos implicados no processo de constituição do conhecimento geográfico. Neste contexto, a intenção é analisar tanto se há criações de práticas pedagógicas que operam com linguagens contemporâneas para produzir significações no ensino de Geografia por parte dos professores, como também as significações que os alunos atribuem a estes artefatos em sua vida e no cotidiano escolar.

São incontáveis as acelerações tecnológicas surgidas numa sociedade líquido-moderna, onde em um curtíssimo espaço de tempo criam-se novos aparatos midiáticos. É nesse cenário de velocidade e fluidez que a chamada Geração Y, leia-se nossos atuais estudantes, percorre dia-a-dia. A importância de se pensar como os meios de comunicação estão sendo operacionalizados e como as linguagens trazidas por eles auxiliam na produção do conhecimento, modelando nossas formas de ser, viver e pensar se faz preciso. Como alerta Tonini (2011), os meios de comunicações são locais de inúmeras paisagens, os quais operam como fluxos informáticos que disseminam significados. Isso permite que cada evento que acontece, em alguma parte do planeta, esteja ligado nesta malha de informação que pode ser acessada por qualquer indivíduo em espaços distantes, mas em tempos reais.

---

<sup>1</sup> Parte deste trabalho resulta da pesquisa *Geografia e Múltiplas Linguagens*: contribuições para as práticas escolares contemporâneas, a qual contou com apoio da Capes.

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia /Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail:juliana.cardoso@ufrgs.br

<sup>3</sup>Doutoura em Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: ivaine@terra.com.br

## MODOS DE PENSAR

A sociedade contemporânea é configurada e reconfigurada pelo contínuo e acelerado avanço científico e tecnológico e, em particular, pelas chamadas tecnologias da informação e comunicação. Esse avanço possibilitou uma nova dinâmica dos fluxos de informação e potencializou as interações e trocas entre pessoas e onde a vida social de um indivíduo está inserida nestas constantes e aceleradas mudanças. Como consequência, o pós-modernismo acaba por produzir uma nova condição existencial do sujeito e produz novos modos de ser e viver. Jameson (2004) apresenta o pós-modernismo como uma dominante cultural que coordena “novas formas de práticas e de hábitos sociais e mentais”, ou seja, uma cultura que põe em interação economia, vida social e individual em constantes combinações e recombinações no tempo e no espaço. Essas trocas e interações resultaram em alterações nos modos de existências contemporâneos, segundo Fisher (2007, p. 70) que constituem em: excesso e acúmulo de informações, velocidade do acesso a fatos, novos modos de viver a vida privada, outros modos de compreender o que seriam as diferenças, a centralidade do corpo e da sexualidade na cultura e a miscigenação de linguagem de diferentes meios.

Nos últimos anos, diversos autores têm se dedicado a analisar sobre as rápidas mudanças sociais, os comportamentos dos sujeitos perante o fluxo de informações e interações sociais e culturais. As análises de Bauman (2007) ajudam-nos focar o olhar para as velozes mudanças de vida nas sociedades Pós-Guerra, investigadas, principalmente, entre o final do século XX e início do século XXI. Para ele, assim como para Jameson (2004), tudo foi transformado em mercadoria: da natureza ao nosso inconsciente.

O consumismo se faz, também, uma forma de organização e controle na vida contemporânea. Bauman (2008) chama atenção para as transformações nas formas de consumir, não só produtos como cultura, informações e comportamentos cada vez mais padronizados. O autor expõe a gradual transformação da sociedade de produtores na sociedade de consumidores. Nesta sociedade, os indivíduos são, ao mesmo tempo, consumidores e mercadorias.

Uma vez que a sociedade está cada vez mais *higt tech*, o consumo das novas tecnologias faz-se necessário sob o ponto de vista dos sujeitos, cada vez mais entrelaçados no consumo e no mundo globalizado das informações, fluxos e redes. A análise de Castells (1998), sobre a “sociedade em rede” ou a “sociedade informacional”, alerta para um novo sistema de comunicação, universalmente interligado por redes.

Neste novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte básica da produtividade é a tecnologia de geração de conhecimento, processando informação e comunicação

simbólica. O informacionalismo, as tecnologias informacionais, estão integrando um mundo em redes globais de instrumentalidade, privilegiando a comunicação mediada por computador que, por sua vez, enfatiza um vasto leque de comunidades e agrupamentos virtuais. Não se trata apenas de novos produtos digitais, mas de novos processos produtivos, comandados pelas tecnologias de processamento de informação e comunicação. O mundo, assim, está se tornando mais digital e a velocidade com que isso ocorre está fora de escala temporal.

Em um mundo onde a oferta de produtos é abundante, onde a obsolescência é proposital, a indústria tecnológica possui grande influência no mercado: computadores, celulares, tablets, Ipod são atualizados e lançados novas versões em uma velocidade impressionante. Segundo Klein (2003), os produtos são mais do que artefatos tecnológicos, mas também um símbolo cultural, um sentimento de pertencimento. Essa dinâmica da lógica em rede, interativa e complexa, vai mudando as relações entre os sujeitos.

Desta forma, originou-se o ciberespaço, um amplo leque de possibilidades virtuais, habitado pela chamada Geração Y e Z, nascidas nas últimas duas e três décadas: seu mundo é tecnológico e virtual. Para eles, é impossível imaginar um mundo sem internet, telefones celulares, computadores, iPods, videogames com gráficos exuberantes, televisores e vídeos em alta definição e cada vez mais novidades neste ramo. Suas vidas são regadas a muita informação, pois tudo que acontece é noticiado em tempo real e muitas vezes esse volume imenso acaba se tornando obsoleto em pouco tempo.

Ainda que o mundo virtual chame a atenção pela fluidez e infinitas possibilidades, o mundo real entrelaça-se ao virtual, pois os sujeitos tendem a se agrupar por afinidades, ideologias, pensamentos, tanto no real quanto no virtual. Conforme Valerius (2013), os pensamentos que transitam pelo mundo virtual apresentam sua gênese fora da internet.

Ao conceder ao sujeito a possibilidade de transitar por diversos locais ao mesmo tempo, de interagir com indivíduos ou grupos simultaneamente, de produzir e absorver uma infinita gama de discursos e imagens, a internet torna-se um espaço de produção de conhecimento, o qual não pode ser ignorado pelas mais diversas ciências, dentre elas, a Geografia (p.8).

Trata-se de um novo espaço social que se difere do tradicional por ser mais imediato e com infinitas possibilidades. Hoje os jovens aprendem a partir de consumos culturais, mesmo que sua interação seja pela via do entretenimento, não devemos subestimá-los. A circulação da informação é assombrosa nos meios de comunicações contemporâneos. Segundo Thompson (2008), o termo “meios de comunicação” tem sido utilizado para designar um conjunto de produtos – como livros, jornais, programas de rádio e televisão, filme e internet.

Entretanto, se focarmos o olhar para a web, perceberemos outro tipo de especificidade como as redes sociais (*Facebook, Google+, Orkut, Twitter*), que também são meios de

informações, e outros tipos de páginas como blogs, jornais digitais, páginas *Wiki*, entre outros. Todos esses espaços são locais de produção de inúmeras paisagens sejam através de imagens e fluxos informáticos, que estão disseminadas de forma impressas, seja eletronicamente, que acabam gerando para o planeta autoestradas da informação, como diz Bauman (2007).

Nesta interrogativa sociedade contemporânea, o imperativo é estar sempre atualizado, como nos alerta Tonini (2013, p.34), “deixar de acompanhar a rapidez dos eventos é ficar para trás, é torna-se obsoleto. O lema desta condição contemporânea é estar sempre atualizado”.

Os jovens, que hoje são nossos estudantes, abraçam as novidades e se envolvem de maneira mais visceral e naturalizada. São adaptáveis a novos ritmos, experiências e mudanças de vida. Toda essa liquidez de informação bate de frente com a escola do quadro, do giz, das regras, dos horários fixos, das provas escritas, do comportamento ainda tradicional. Perante este panorama moderno, desta enxurrada de informação, às surpresas e feitiços tecnológicos e ao estilo de vida globalizado, nos perguntamos: E a escola? Está na rede?

Entre tantos questionamentos sobre a escola, alguns são fundamentais: A escola está conectada neste mundo contemporâneo? Hoje, os componentes e os modos de funcionamento da escola já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI? Para uma sociedade disciplinar do século XVIII, que necessita de corpos obedientes e dóceis, a escola é vista como uma instituição propícia para tal. Foucault (1996) traz à tona a discussão sobre corpos disciplinados e comportamentos humanos através de sua análise social. Para o autor, “cada corpo se constitui como a peça de uma máquina” (p.24). Mas como pode corpos serem “peças” se há interação social? Para ele, um corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado, e aperfeiçoado é então reconhecido como um corpo dócil. De acordo com o autor, não é tratar e cuidar o corpo de uma maneira geral, como se ele fosse uma unidade indissociável, mas sim vê-lo e trabalhá-lo de uma maneira detalhada.

Daí, a importância de instituições e ações de coerção que trabalham o corpo manipulando gestos e comportamentos. Surge, então, o conceito de Foucault sobre a relação na qual, quanto mais obediente é um corpo mais útil ele é. Útil para quem? Para a sociedade, para o coletivo, para o mercado de trabalho. Para a inserção e aceitação do indivíduo na sociedade. Então, nos perguntamos: quem são as instituições reguladoras? Foucault vai nos dizer que a escola imita o quartel, a prisão, ou qualquer instituição cuja ação vise “adestrar” corpos no intuito de retirar e de se apropriar deles mais e melhor.

Se voltarmos nossos olhos para a escola, sob a lente de Foucault, percebemos, aí, as primeiras evidências de corpos obedientes: com cinco ou seis anos, as crianças são submetidas a dezenas de regras e normas: cumprir horário, silêncio, manter o corpo estático, lugares pré-estabelecidos, sentados, obediente. Corpos em ordem, corpos catequizados: esse é

o começo do adestramento para o futuro, para o mercado de trabalho que, por sua vez, só vai aceitar corpos obedientes por serem mais dóceis e úteis. A escola aqui tem a função homogeneizadora, normalizadora, enfim, uma instituição com vocação uniformizadora.

Kant (2001), em suas lições pedagógicas, afirma que a função primordial da escola não consistia prioritariamente em instruir os alunos em determinados saberes ou conhecimentos práticos, mas em “habitua-los a permanecer tranquilos e a observar pontualmente o que lhe é ordenado” (p. 5). A primeira parte da etapa do adestramento infantil deveria ser dedicada a acostumar as crianças a ficarem sentadas em seus lugares durante períodos regulares, obedecendo às regras e ordens dos superiores (professores, coordenadores e diretores).

Desta forma, as crianças ocupariam melhor seu tempo e espaço, de forma ordeira e disciplinada. O primordial era forçar essa adaptação dos corpos infantis às definições novas do tempo e do espaço que se anunciavam na modernidade, já que, conforme Veiga Neto (2003), “qualquer um pode aprender as coisas relativas à cultura mais tarde, mesmo fora da escola” (p. 116). Porém, não é nada fácil conseguir que esses corpos aprendam a usar o tempo e o espaço de forma disciplinar e padronizada conforme o esperado.

Toda essa estrutura disciplinar que começava pela escola, tinha como objetivo suprir o mercado mais tarde, tendo corpos obedientes e dóceis, de acordo com Sibilia (2012, p.29):

essa estrutura colossal foi montada com o objetivo de conseguir algo sumamente improvável: transformar a carne tenra das crianças num ingrediente adequado para alimentar as engrenagens vorazes da era industrial. Algo muito trabalhoso, único na história da humanidade e surpreendentemente recente para a nossa compreensão.

Há a necessidade de adestrar os corpos para que sejam capazes de trabalhar em fábricas, empresas, mercados, tornando-os capazes de sintonizar seus gestos e ritmos com a frequência que o maquinário moderno exige e também instruí-los para que sejam cidadãos do bem, sensatos responsáveis familiares, e, quando necessário, corajosos corpos capazes de se sacrificar em nome da pátria. Tal fato, além de ter sido consumado com êxito, se mantém estruturado a ponto de ser imensamente difícil pensarmos o mundo sem escolas.

Ao fim da Segunda Guerra mundial, a sociedade se viu fragmentada, desalinhada no que se refere a novos padrões sociais e tecnológicos. Deleuze (1992), há mais de duas décadas, detectou o que ele chama de “sociedade de controle”: um regime de vida inovador, apoiado nas tecnologias eletrônicas e digitais. Ou seja, uma organização social baseada no capitalismo dinâmico do século XXI, sufocado pelo excesso de produção, de consumo, um mundo invadido pela publicidade, pelo marketing, fluxos de informações, financeiros, etc.

Toda essa mudança social e tecnológica implicou na necessidade de se pensar em desenvolver certas competências que a escola tradicional já não abarcava. Pudera, se a escola tradicional disciplinar permanecesse a mesma, privaria seus alunos das habilidades tecnológicas tão valorizadas na atualidade. De uma vez por todas, a escola, com seus moldes tradicionais, começa a ser questionada e começa uma incessante busca por dispositivos de práticas de ensino mais eficazes para produzir conhecimento.

Segundo Sibilía (2012), um cenário se faz forte e desafiador: a sociedade informacional, hiperconectada por redes interativas, onde a comunicação sustenta o projeto moderno, está resistente a essa escola que finca seus alicerces no tradicional. A escola, hoje, se vê sufocada perante os avanços tecnológicos e, a forma de aprendizado, antes baseada na palavra, na escrita, na leitura e nos livros didáticos, agora está ruindo de vez.

Estando diante dos dinâmicos jovens contemporâneos, atentos às novidades que o mundo oferece, principalmente no que se diz respeito às tecnologias, a sala de aula converteu-se, para muitos, em algo chato e a obrigação de frequentá-la pode virar um verdadeiro martírio. Para Xavier, (2003) o aluno vai para escola para viver a cultura deles. O preço que pagam é ter aula. A escola tradicional disciplinava, repreendia e possuía alunos obedientes e de corpos dóceis. Hoje, os jovens são mais ansiosos, ativos, consumidores, conectados, acostumados com o fluxo de informações e multitarefas.

É indiscutível que, ao despontar do século XXI, se faz necessário pensar nas novas formas de aprendizado do sujeito imerso neste mundo globalizado e multicultural, tanto dentro quanto fora dos muros da escola.

## **MOVIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nas observações de aulas de Geografia nos Estágios Supervisionados<sup>2</sup>, constatamos recorrentes e repetitivas formas do professor apresentar o conteúdo de maneira tradicional para um aluno que tem visto a escola como local nada interessante e agradável para ali estar tantas horas de seu dia. Esse fato motivou esta pesquisa: exercícios apenas do livro didático, leitura de textos densos, pouca ou quase nenhuma utilização de análise de imagens foram algumas das práticas predominantes observadas. Constatamos ausência do uso do globo e de mapas, recursos imperativos para o estudo espacial. A pouca ou nenhuma presença de recursos tecnológicos dentro da sala de aula é espantosa. Impulsionadas pela insatisfação e com uma imensa vontade de compreender quem é esse aluno, que tem visto as aulas como “*chatas*” – palavras de um próprio aluno quando questionado o que achava das aulas de

---

<sup>2</sup> Realizadas no curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, período de 2012 a 2013.

Geografia que acabara de assistir, e como ele se relaciona com a escola e com o mundo do qual está inserido são argumentos desta pesquisa.

As ações da pesquisa foram realizadas nas disciplinas de Estágio Supervisionado I e II, do curso de Geografia, nos anos de 2012 e 2013. Como metodologia adotada, utilizamos dois caminhos: um de caráter instrumental e outro investigador. O primeiro tem como meta inventariar quais linguagens são utilizadas nas práticas pedagógicas de Geografia e no cotidiano dos estudantes e professores. Já o segundo, foi percorrido com auxílio das ferramentas teóricas fornecidas pela Geografia e Estudos Culturais, pelo viés pós-estruturalista, para identificar e compreender os usos e operacionalidades das linguagens inscritas nos meios de comunicações para construção de conhecimento. No desenvolvimento do estudo, os caminhos se encontram imbricados.

No percurso instrumental, o estudo desenvolveu-se em conformidade com as seguintes orientações: ida a escolas para entrevistas com professores da disciplina de Geografia e com alunos do ensino médio; identificação dos meios de comunicações usados pelos alunos em seus cotidianos. Já, através do percurso investigador, a pesquisa desenvolveu seu trabalho nas mais variadas direções complementares: compreender o papel da escola hoje, inserida no que chamamos de mundo contemporâneo; examinar (in)compatibilidade dos corpos e subjetividades dos jovens do século XXI com esta escola; averiguar se o aluno e o professor são usuários de meios de comunicações; estudar a operacionalidade da linguagem na construção do conhecimento nos produtos culturais dos alunos; analisar se há usos pedagógicos conectados nas linguagens contemporâneas pelo professor em sala de aula.

A pesquisa foi realizada em uma escola tradicional da rede pública de Porto Alegre que se disponibilizou a participar da pesquisa. As atividades investigativas desenvolvidas abarcam observações em sala de aula, durante as aulas de Geografia, e entrevistas com alunos e professores que aceitaram fazer parte da investigação.

A entrevista<sup>3</sup> foi realizada com uma amostra de alunos do ensino médio do turno noturno. O corpo docente da disciplina de Geografia desta escola conta com seis professores<sup>4</sup>. Salientamos, ainda, que as entrevistas não tiveram como objetivo avaliar se o professor sabe ou não utilizar os meios de comunicação em sala de aula. A intenção era outra: identificar quais linguagens são usadas cotidianamente pelos alunos e professores fora e dentro da

---

<sup>3</sup> Foram entrevistados todos os alunos presentes no dia da aplicação do questionário, nas seis turmas do 1º ano do Ensino Médio, cuja idade média é de dezessete anos. Totalizou-se 122 (cento e vinte e dois) questionários respondidos pelos alunos.

<sup>4</sup> Todos os professores responderam ao questionário, cuja base interrogatória era similar ao questionário dos alunos.

escola, sobre as tensões, os caminhos, os jeitos encontrados para problematizar saberes predominantemente escolares em detrimento dos saberes cotidianos e contextuais.

A análise do que foi encontrado nos questionários, tanto do aluno quanto do professor, ocorreu em paralelo. Ao mesmo tempo em que se tentava compreender o aluno de hoje, encontravam-se, nos questionários, as respostas que confirmavam a linha de pensamento do qual nos impulsionaram a realizar esta pesquisa: a escola, o aluno e o professor possuem linguagens tecnológicas diferentes.

Ainda que as redes de conexões estejam se infiltrando nas salas de aula, esta é vista com contragosto pelas autoridades escolares. Enquanto os alunos vivem hoje fundidos e inseparáveis com os mais variados dispositivos eletrônicos e digitais, a escola permanece obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicas.

Tal fato explicaria as perguntas norteadoras da pesquisa: Por que as coisas não funcionam como se espera? Por que o aluno, o professor e a escola parecem, muitas vezes, não se entenderem?

## **QUEM SÃO ELES? Os corpos que habitam a sala de aula**

Há certa resistência entre alguns estudiosos em usar termos muito fechados para definir povos, regiões ou gerações. Eles argumentam que definições simplificam os problemas e que toda simplificação tende a superficializar o debate. Outra corrente defende que, ainda que possam simplificar o debate, as definições têm o mérito de orientar as discussões. Ficaremos com a segunda opção, não para simplificar ou superficializar, mas, sim, para tentar explicar e analisar, na tentativa de entender quem é esse aluno que hoje se encontra na sala de aula.

Antes, os corpos que habitavam a sala de aula eram dóceis, obedientes, esforçados, reprimidos, confinados. Corpos trabalhados para a disciplina, para a ordem, para regras. Hoje, vemos corpos adentrando a sala de aula de forma mais voraz, ansiosa, flexível, performática, hedonista, narcisista, hiperativa, consumidor, conectados. Alguns autores, como Guerra (2010), levantam a hipótese que estaria havendo uma mudança na estrutura mental das novas gerações, ou que os “padrões cerebrais” diferenciados as levariam a ter outras aptidões:

É provável que a exposição maior a informações visuais e auditivas, em detrimento de informações verbais escritas, venha a diminuir as habilidades de linguagens escrita do ser humano e [a] ampliar as habilidades visuais, por exemplo. (p.88)



Ainda que se trate de uma hipótese sem confirmação, há fortes apostas no campo da investigação biológica, aponta a autora. A juventude contemporânea, segundo Garbin (2012, p.3), “tem se caracterizado por suas diferentes culturas, que afloram em muitos lugares ao mesmo tempo”. Os jovens da chamada Geração Y aprendem a partir de consumos culturais, e a tecnologia facilita o uso dessa linguagem contemporânea.

Formada por indivíduos constantemente conectados, através de dispositivos portáteis, Guerra (2010) fala sobre a Geração Z que, por sua vez, pode ser integrante ou parte da Geração Y, já que a maioria dos autores posiciona o nascimento das pessoas da Geração Z entre 1990 e 2009. Esses são nossos alunos: seus mundos são tecnológicos e virtuais. A grande nuance dessa geração é zapear. Daí vem o “Z”.

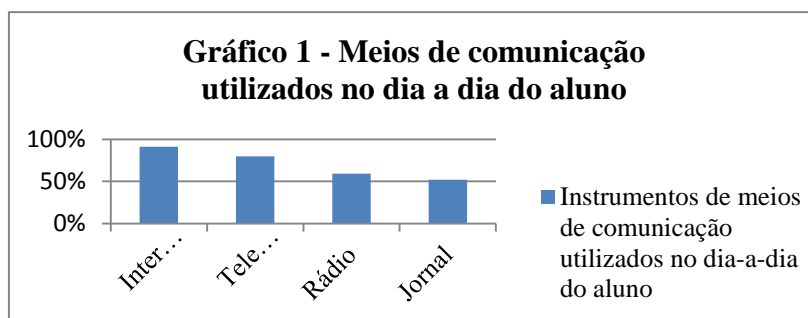
Em comum, essa juventude muda de um canal para outro na televisão. Vai da internet para o telefone, do telefone para o vídeo e retorna novamente à internet. Também troca de uma visão de mundo para outra, na vida. Para eles, é impossível imaginar um mundo sem internet, telefones celulares, computadores, iPods, videogames com gráficos exuberantes, televisores e vídeos em alta definição e cada vez mais novidades neste ramo. Sua vida é regada a muita informação, pois tudo que acontece é noticiado em tempo real e muitas vezes esse volume imenso acaba se tornando obsoleto em pouco tempo.

Essa geração se difere da geração dos seus pais, e de seus professores que, em sua maioria, são considerados “imigrantes digitais”. Prensky (2001), autor que cunhou as expressões “nativos digitais” e “imigrantes digitais”, um imigrante digital é aquele que não possui muita familiaridade com as tecnologias atuais, por terem tido contato com essas tecnologias apenas na fase adulta. “Muitos têm dificuldade em deixar antigos métodos para trás”, afirma o autor. A distinção entre as gerações é mais cultural e de atitude: essa chamada Geração Z, uma nativa digital, sente-se à vontade quando liga ao mesmo tempo a televisão, o rádio, o telefone, música e internet.

Outra característica essencial dessa geração é o conceito de mundo que possui, desapegado das fronteiras geográficas. Para eles, a globalização não foi um valor adquirido no meio da vida a um custo elevado. Aprenderam a conviver com ela já na infância. Como informação não lhes falta, estão um passo à frente dos mais velhos, concentrados em adaptar-se aos novos tempos. Guerra (2010) afirma que “sua rapidez de pensamento e incapacidade para a linearidade pode facilitar muito em determinadas áreas, porém em outras, que exigem mais seriedade e concentração, podem sofrer algumas dificuldades”.

Os jovens alunos entrevistados, cuja média de idade é 17 anos, ou seja, nascidos entre início e meados dos anos 90, fazem parte desta Geração Z. Conforme o Gráfico 1, quando questionados quais meios de comunicação costumam usar no seu dia-a-dia, 91% responderam

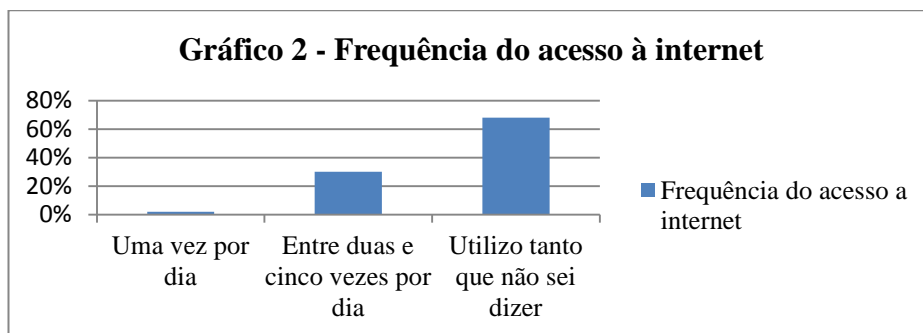
internet. Como cada aluno poderia marcar uma ou mais respostas no questionário, pode-se observar que esses alunos, além de conectados via internet, estão em constante interação, ao mesmo tempo, com a televisão, os jornais, o rádio e ainda fazendo uso extremo do celular, como forma de comunicação através das mensagens, multimídias e uso das redes sociais.



Organização: CARDOSO, 2013.

Ainda que sua interação com o mundo seja pela via do entretenimento, do uso de hipertextos e hiperlinks, não podemos subestimar os diferentes caminhos percorridos para as mais variadas leituras. Esses jovens abraçam as novidades de forma mais naturalizada e os dispositivos eletrônicos com os quais convivem e que utilizam para realizar as mais variadas tarefas, estão cada vez mais presentes fazendo papel vital em suas vidas. Garbin (2010) chama atenção para o fato da internet não poder ser mais vista apenas como trocas, busca de informações, ou encontro entre pessoas através das redes sociais, mas, também, como um local de produção de conhecimento.

Essa dinâmica contemporânea provoca velozes adaptações corporais, novos ritmos, experiências e mudanças no estilo de vida. Todos os alunos entrevistados possuíam aparelhos celulares e computadores e acessam os meios de comunicação nos mais diversos lugares: em casa, na Lan House - ainda que o uso da Lan House esteja em decadência devido ao crescente número de internet de rede aberta, a chamada *Wi-Fi* nos mais variados espaços: nos parques, nos shoppings, nas praças de alimentações e na escola. 68% dos entrevistados afirmam que a sua frequência diária de utilização da internet é tão grande que não saberiam especificar quantas vezes por dia se conectam. Como exemplifica o Gráfico 2, alguns ainda respondem: *“Estou sempre conectado. Nunca me desconecto. Nem quando estou dormindo”*.

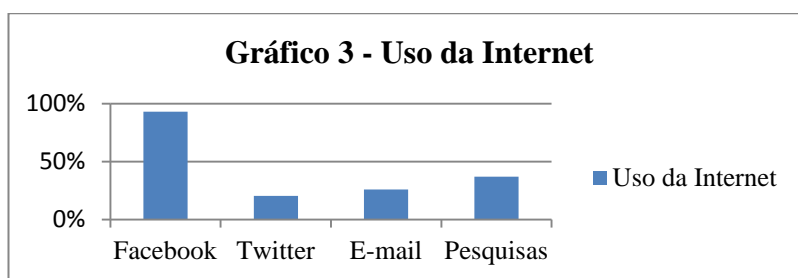


Organização: CARDOSO, 2013.

Em virtude de tudo isso, por estarem acostumados à velocidade da internet e por estarem o tempo todo conectados, resulta em sujeitos com pouca paciência para conferências, aulas expositivas ou qualquer dispositivo pedagógico que os exigem ficar parados por mais tempo. Esses são os jovens que adoram o processamento paralelo, as multitarefas, que preferem gráfico a textos, que priorizam o acesso aleatório, “zapeando” de um lado para outro na internet – como ocorre com o hipertexto –, que funcionam melhor quando estão conectados em rede, que gostam da gratificação instantânea ou reconhecimentos frequentes.

Não podemos negar que hoje os jovens aprendem a partir de consumos culturais, mesmo que sua interação seja pela via do entretenimento, não o devemos subestimar. Costa (2005) chama atenção para isto ao comentar que “a separação entre o que é educativo e o que seria meramente um produto de entretenimento, de informação ou de publicidade merece ser problematizado” (p.15). Os jovens de hoje preferem uma aula mais divertida, e isso acaba causando uma série de equívocos e muita frustração na situação escolar uma vez que, para muitos professores uma “aula divertida” não é significado de aprendizado.

Acostumados a terem a publicidade voltada para essa parcela da população, essa juventude encontra na televisão atual um fluxo de informações fragmentadas e dispersas, voltadas especificamente para o consumo. Propagandas “legais”, modernas e com a linguagem apropriada para chamar atenção. Isso facilita o *zapping* e acostuma esses expectadores a consecutivas trocas de canais para o que mais o interessa. Os meios de comunicação vão ser vistos da mesma forma: buscamos informação neste nó de infinitos meios que a rede contemporânea de informação nos oferece, como aponta o Gráfico 3.



Organização: CARDOSO, 2013.

É com essa mentalidade de velocidade, de buscar apenas o que é interessante, da linguagem moderna, que o nosso aluno tem adentrado a sala de aula. E o que ele encontra? Professores acostumados com essa velocidade de informação e interação? Salas de aula que facilitariam no uso dos recursos midiáticos? Uma linguagem que se adéqua ao que ele está acostumado a ver “zapeando” pela televisão?

### Os professores e suas práticas

Quando Jerusa<sup>5</sup>, uma senhora sorridente de meia idade, começou a dar aulas, em 1989, ela só contava com os livros, o quadro negro e a voz. As provas eram reproduzidas por mimeógrafo e o cheiro de álcool exalava na sala de aula. Os celulares eram muito raros. Hoje, a professora de Geografia encontra outra realidade: Em muitas escolas, o giz virou pincel atômico, as aulas ganharam auxílio de TV, vídeo e computador; a internet, tão conhecida dos alunos, aos poucos começa a fazer parte de sua rotina. Os celulares invadiram a sala de aula. “*Não tenho nenhum aluno que não tenha aparelho celular*”, comenta ela, em uma conversa informal na sala dos professores antes de responder ao questionário solicitado.

Professora Jerusa é apenas uma representante das centenas de professores que estão na escola pública e que, hoje, não sabem muito bem como lidar com essa geração fluidez. Ela faz parte dos indivíduos que Prensky (2010) chama de “imigrantes digitais”: teve contato com os computadores já na fase adulta e, agora, procura se adaptar a esse mundo.

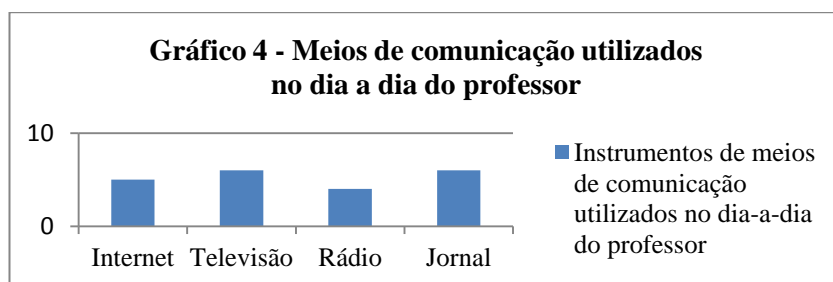
Cada vez mais, o papel do professor, como o único detentor do conhecimento, está sendo questionado. Alunos e professores transitam entre os papéis de ensinar e aprender, principalmente quando trabalhamos com as novas tecnologias. O que era considerado uma transmissão ou transferência do saber ocorria entre um sujeito possuidor desse valor, no caso o professor – aquele que sabe-, e outro indivíduo em formação que representa o aluno. Assim, a sociedade em geral sempre percebeu o aluno de forma a considerá-lo inferior e um depósito de informações sobre aquilo que não sabe. Sibilia (2012) aponta que:

<sup>5</sup> Nome fictício já que a entrevista com os professores não exigia preenchimento de nome e/ou idade.

as dúvidas começaram quando a eficácia e o valor desse saber foram postos em dúvida, em boa medida pela redução da solidez e da estabilidade que caracterizavam a estrutura estatal, mas também pelos avanços da cultura midiática e de sua lógica concomitante, a da informação. (p. 115).

Na amostra de professores pesquisada, ainda que conste uma maior parcela de professores que se encaixariam no que Prensky (2010) chama de “imigrantes digitais”, o leque da amostra teve participação de todos os perfis de professores que atualmente encontram-se na sala de aula: do colonizador digital ao nativo digital.

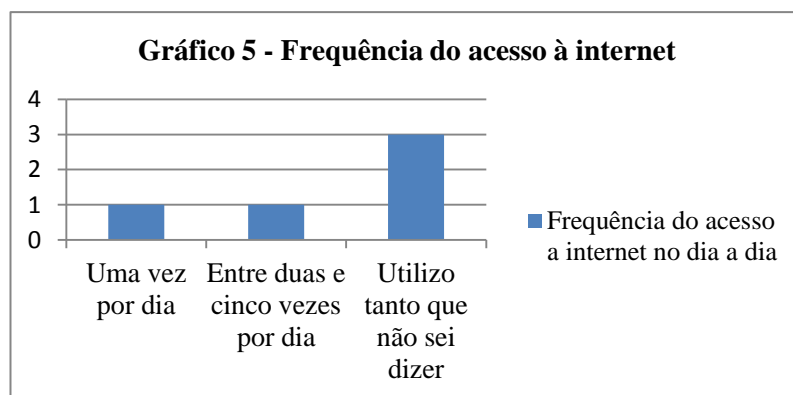
Para Prensky (2010, p.32), “a pedagogia vai mudar automaticamente, assim que os ‘nativos digitais’ se tornarem professores”. Como pesquisadoras no campo da Geografia Escolar, discordamos. Nosso olhar e interesse sobre analisar os recursos e meios de comunicação utilizados em sala de aula já são antigos. Há muito tempo e antes mesmo de ir para sala de aula, antes de realizar a pesquisa, questionávamos. Observamos outros professores e os futuros professores, colegas nossos, em sala de aula. Percebemos que muitos futuros professores, mesmo que pertencentes à mesma geração dos alunos, também adotam os antigos métodos de aula expositivas com pouca interação.



Organização: CARDOSO, 2013.

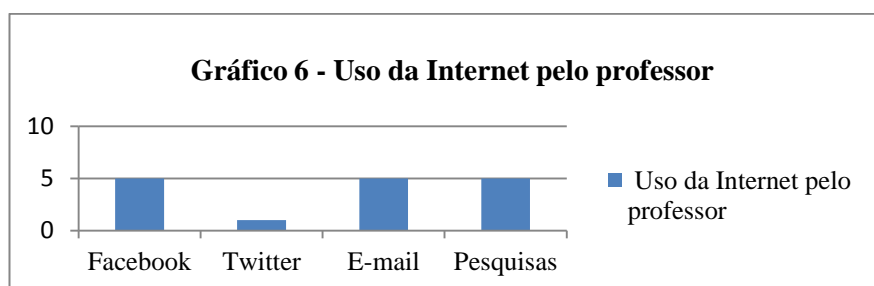
A pesquisa, ainda que com uma amostra pequena de professores, especificamente docentes da disciplina de Geografia, delineou de forma a confirmar as suposições anteriores: como aponta o Gráfico 4, cinco dos seis professores utilizam instrumentos de meios de comunicação no seu dia a dia, sendo a internet o mais utilizado. Entre os seis professores que responderam o questionário, há apenas uma que não utiliza a internet, apesar de possuir computador em casa. “Não utilizo. Não sei mexer e acho muito difícil aprender”, comenta ela enquanto respondia uma das questões. Essa professora, em específico, caracteriza os que podemos chamar de “colonizadores digitais” que são pessoas mais velhas, as quais viram apontar o início da era digital, mas cresceram em um mundo analógico. Muitos deles se acham “antigos demais para aprender esse tipo de tecnologia”, apesar de conviver com ela.

Os demais professores, os que fazem parte dos que utilizam a internet como meio de comunicação, utilizam-na com frequência, mais de cinco vezes ao dia e nos diferentes locais: desde em casa até na escola. O Gráfico 5 mostra tais dados:



Organização: CARDOSO, 2013.

Esses professores, fora da sala de aula, mantêm uma vida conectada, fazem uso da internet como meio de comunicação, utilizam o *Facebook*, trocam e-mail, leem jornais eletrônicos, assistem vídeos *on line* e se dizem um tanto “íntimos” das tecnologias, como a professora Jerusa, que é parte integrante dos “imigrantes digitais” e que, apesar de pertencer a uma geração que só teve contato com as tecnologias na fase adulta, mostram-se com interesse de aprender e a utilizar no dia a dia, vem contribuindo para a evolução tecnológica, continuam conectados e sofisticados no uso das tecnologias, ainda que baseados nas formas tradicionais e analógicas da interação, como evidencia o Gráfico 6.



Organização: CARDOSO, 2013.

Mas ainda existem, entre os professores entrevistados, aqueles que já pertencem a chamada Geração Y, que se familiarizaram com as redes de comunicações e sua velocidade no final da infância/início da adolescência. Esses seriam, pensamos, a “esperança” de Prensky e de todos nós que acreditamos uma drástica mudança nas práticas pedagógicas.

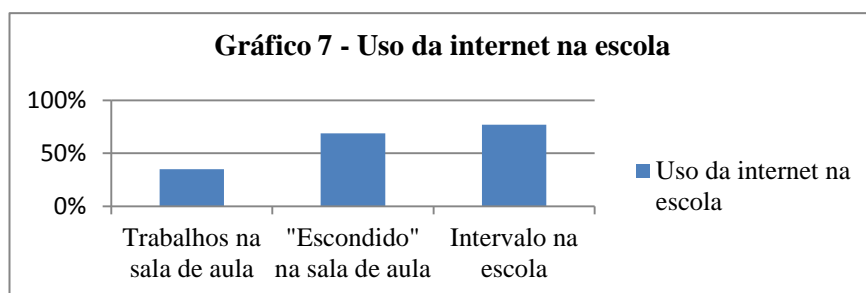
E exatamente essa geração de estagiários, essa geração de nativos, que está começando a se tornar professores, precisa fazer um grande esforço de mudança. Primeiro, mudar a forma como nós ensinamos - nossas pedagogias. Depois, mudar a tecnologia que nos dá suporte. Finalmente, mudar o que nós ensinamos --nosso currículo-- para estarmos em acordo com o contexto e as necessidades do século 21.

## CONFLITOS ENTRE OS MUNDOS

Há cada vez mais indícios de que a escola, o professor e o aluno pertencem a “mundos” diferentes. A escola, desde os primórdios, procura controlar o aluno mediante a uma diversidade de táticas que procuram produzir estímulo, procurando transformar aqueles sujeitos em alunos interessados, atentos e aplicados. Ao fazer o aluno ler, estudar ou escrever, a escola ocupa outro tempo na vida dele, tempo esse que a geração atual não quer “perder”.

Com a atitude de quem está habituado a navegar entre vários materiais midiáticos ao mesmo tempo, a bordo de algum dispositivo conectado à internet como confirmamos na pesquisa, os alunos atuais exibem outros traços e capacidades, mais moldados no contato ativo com os meios de comunicações e o mercado do que com os dispositivos disciplinares.

A atenção dos alunos nas aulas expositivas, além de frágil e flutuante, costuma durar poucos minutos e requer uma sedução constante. Tal fato mostrou-se presente na análise da pesquisa: 69% dos alunos entrevistados afirmavam utilizar a internet como meio de comunicação na escola, dentro da sala de aula, durante as aulas, de forma “escondida”. E quando se pensa que o intervalo é hora de socializar com os colegas de classe, eles afirmam preferir usar esse tempo livre para conectar-se: 77% dos alunos utilizam os minutos de intervalo para o uso da internet, como ilustra o Gráfico 7.



Organização: CARDOSO, 2013.

Sibilia (2012) demonstra que o uso dos meios de comunicação pelos alunos dentro das paredes da escola é visto como um inimigo multifacetado, com imensos poderes de tirar a atenção do aluno. A escola, por sua vez, oscila entre repudiar, expulsando-o de seu território e

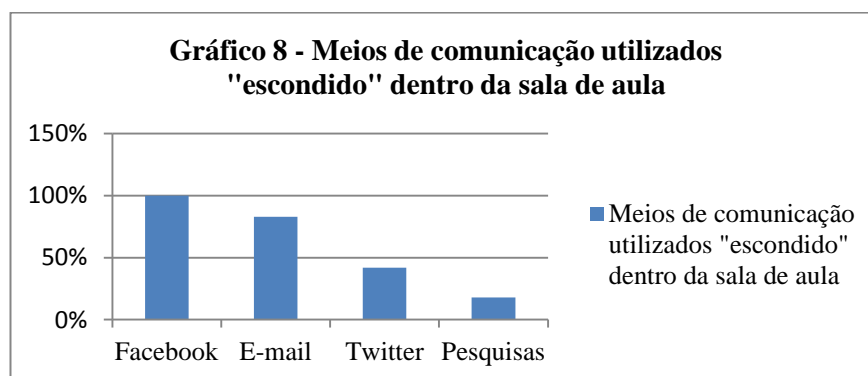
sem nenhuma negociação possível, e compactuar com ele, assimilando o “monstro” presente, mediando-o com criteriosos cuidados, a fim de se atualizar. Para a autora, seja como for, a tríplice aliança entre tecnologias, meios de comunicação e escola, precisam entrar em compasso para conquistar a atenção desse aluno.

Quando não há interesse por parte do aluno, quando ele se torna usuário assíduo dos meios de comunicação, ele acaba questionando a verdadeira função da escola e essa, por sua vez, tenta competir a atenção do aluno, mas acaba ficando em desvantagem, pois se mostra pouco atraente. Conforme Sibilia (2012):

nessas circunstâncias, não parece restar à escola outro remédio senão entrar no jogo como a única coisa que ela poderia ser: um produto entre inúmeros outros, que deve competir para captar a atenção dos seus clientes potenciais caso queria conquistar adeptos e subsistir. Mas fica em desvantagem por ser uma mercadoria pouco atraente, destinada a um cliente disperso e por definição insatisfeito, que, vive enfeitado pela variada oferta que o entretenimento não para de produzir (p. 66).

Acostumados a receber informações de maneira espetacularmente rápida e, por estarem habituados a velocidade da internet, permanecendo conectados durante a maior parte de suas vidas, os alunos tendem a ter pouca paciência para longas exposições, para a lógica do passo a passo e avaliações. Ainda se lê, ainda se escreve, mas essas tarefas são intercaladas com as interações com a internet e recados nos telefones móveis, tão utilizados na sala de aula.

A pesquisa nos mostra que um dos dispositivos de comunicação mais utilizado “escondido” dentro da sala de aula nos dias atuais é a rede social *Facebook*, - ferramenta da qual todos os 69% dos alunos que admitiram usar dispositivos tecnológicos “escondido” na sala de aula utilizam-, seguidos do E-mail e *Twitter*. Ferramentas de pesquisa aparecem por último, com apenas 18% dos alunos. Nessa sociedade de informação, o sujeito pode estar ocupando um lugar no espaço e outro na rede. O gráfico abaixo evidencia esses dados.

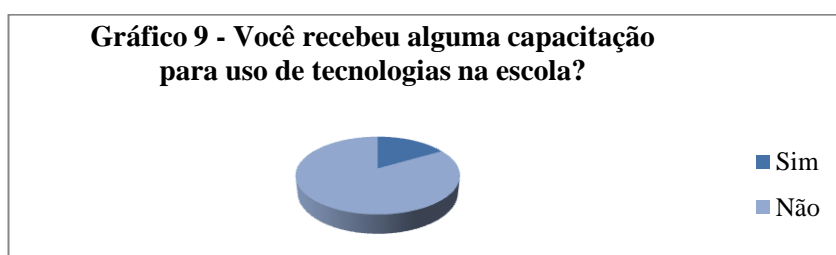


Organização: CARDOSO, 2013.



É crescente o número de pesquisas e do mercado produtor de *hardware* e *software* como criadores de materiais didáticos em formato digital, que possuem aulas de capacitação de professores e fóruns de ajuda. O Ministério da Educação tem investido pesado no intuito de informatizar as escolas, com projetos como o *Educação Digital – Política para computadores e tablets*. Há também investimentos em projetos de “inclusão digital” ou “alfabetização informacional”, permitindo assim a familiarização dos alunos e docentes com esses dispositivos tecnológicos presentes na vida moderna.

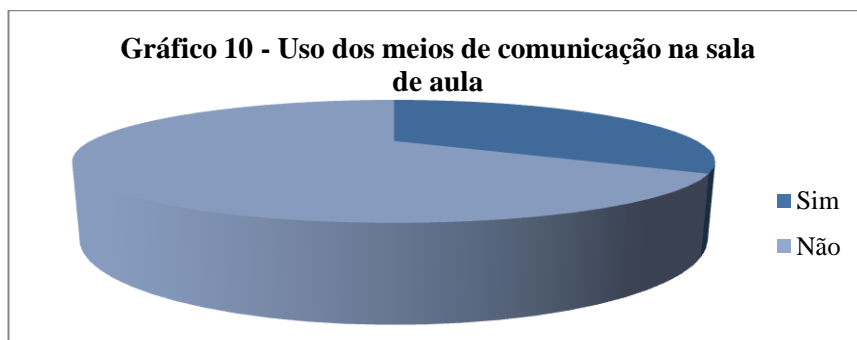
Mas nem todos os professores procuram tais projetos para o seu desenvolvimento digital. A pesquisa aponta que boa parte dos professores não receberam e nem procuraram algum tipo de capacitação para uso das tecnologias na escola, como mostra o Gráfico 9.



Organização: CARDOSO, 2013.

Os que possuem contato com as redes de internet são por interesse próprio e devido ao grande contato com ela. Porém, fora da sala de aula. Quando questionados sobre o porquê de não usarem as tecnologias em sala de aula, respostas como “*Prefiro a aula tradicional*”; “*Alunos ficam inquietos quando vão ao laboratório de informática*; e “*Dificuldade de lidar com as tecnologias perante aos alunos*” foram dadas.

Quando questionados se costumam utilizar algum meio de comunicação em suas aulas como práticas pedagógicas, apenas dois deles responderam que “sim”, como aponta o Gráfico 10. Porém, a frequência do uso é de uma a duas vezes no trimestre e através do data show. Ao observar as aulas de Geografia, na primeira fase da pesquisa, deparamos com um professor utilizando recursos de meio de comunicação para uma atividade. Ainda assim, percebemos que os professores que mais usam a tecnologia ainda a utilizam tendo o centro no docente, com pouca ou quase nenhuma interação com o aluno, como exercícios e aula expositiva.



Organização: CARDOSO, 2013.

Em relação ao comportamento dos alunos em sala de aula, quando é utilizado alguma tecnologia como prática pedagógica, os professores relatam que “os alunos são atraídos pela tecnologia” e “eles ficam mais calmos e prestam mais atenção na aula”. O professor, atualmente, tem a consciência de que tecnologias prendem a atenção do aluno, mas confessam que, muitas vezes, não sabem onde buscar práticas pedagógicas que os ajudem e acabam preferindo a aula tradicional que, conforme eles “é uma receita que sempre deu certo”.

O medo e a dificuldade de não saber lidar com tecnologias em sala de aula, como apontou uma das professoras, tem sido recorrente como nos mostra Sibilía (2010)

trata-se de algo extremamente difícil, para qual os professores deveriam ser “capacitados” tanto ou mais para lidar com os computadores e seus programas didáticos. Mas o problema é maior ainda, pois talvez ninguém saiba realmente em que consiste esse ensino, e é muito duvidoso que os docentes contemporâneos possam assumir essa tarefa tendo-se dissolvido o mito da transmissão, sobretudo nesse campo em que os jovens parecem “saber” mais que eles (p. 185).

Quando o assunto circunda o meio digital, os docentes ainda resistem, pois acreditam que os alunos são “digitalmente superiores” o que lhes tiraria a autoridade na “transmissão do saber”. São apenas dois modos distintos de se lidar com a informação ou de habitá-la.

Embora a escola ainda tenha “serventia” para a sociedade e que a maioria dos estudantes a achem chata e enfadonha, há aqueles que conseguem se adaptar com sucesso e tirar bom proveito do que a instituição em geral e os professores tem a oferecer. Ainda que muitos estudantes sentem que o tamanho do esforço de “perder” tanto tempo dentro da sala de aula não faz sentido, milhões de pessoas do mundo inteiro frequentam todos os dias as mais diversas instituições escolares.

## APRECIÇÕES FINAIS

O mundo mudou. A forma de nos relacionarmos com ele, também. Fluxos, redes, informações em tempo real estão invadindo nosso cotidiano. Consumo, obsolescência, controle, liquidez, são conceitos observados e estudados pelo viés dos estudos culturais, pois, segundo Xavier (2003), “a constituição do sujeito não é natural, ela precisa ser culturalmente constituída” (p.8). Ao longo da história, os indivíduos sempre se modelaram aos tempos vividos. Hoje, não é diferente: ainda desejamos o bem estar corporal, emocional, profissional e afetivo. Para tanto, a capacidade de adaptação corporal e psicológica aos novos ritmos e experiências se faz presente. Os dispositivos eletrônicos que utilizamos para realizar as tarefas cotidianas estão fazendo papel vital em nossas vidas.

Os elementos que antes habitavam as salas de aulas como suporte para o aprendizado eram os livros, réguas, calculadoras, globos, mapas físicos. Hoje, são os celulares, os computadores, os mapas digitais considerados aparelhos móveis de comunicação e informação. Os jovens contemporâneos são dinâmicos e possuem mais facilidade no contato com os meios de comunicação do que com os antigos dispositivos escolares.

Atualmente, esses corpos que “não param” dos alunos, *versus* conteúdos que não os interessam são apontados como a causa de uma aula maçante e chata. Perante este quadro e a essa hipótese de que a escola, o professor e o aluno habitam “mundos diferentes”, percebemos que, tanto a instituição de ensino em geral, quanto o desprestigiado papel do professor estão sendo questionados socialmente.

A visão diferenciada do aluno e do professor sobre o que é (in)disciplina na condição cultural contemporânea é um impasse: situações em sala de aula que são vistas como indisciplina por parte dos professores e que, para o aluno, é vista como normalidade.

O uso das tecnologias parece mais eficaz do que os instrumentos já antiquados que as escolas insistem em usar, pois são vistos como “mais sutis e delicados”. O aluno, hoje, encontra-se livremente conectado aos meios de comunicação através de redes sociais, correios eletrônicos, celulares, etc. Esses dispositivos chamam tanto a atenção ao ponto de serem usados em qualquer hora e lugar, mesmo que driblando proibições, como na sala de aula de muitas escolas.

A escola e o professor deveriam se adaptar aos tempos contemporâneos, tempos da internet, dos celulares e dos computadores. Mas equipar as escolas é só um primeiro passo a ser dado. É necessário investir na formação dos professores, investigá-los, e ter o cuidado de não se limitar a “usar as tecnologias como recursos didáticos”, como alerta Veiga Neto (2003).

O aluno passa boa parte do seu tempo conectado e os professores, ainda na sua formação, deveriam ser capacitados a utilizar isso ao seu favor. Vimos aqui que, mesmo

conectado no seu dia a dia, o professor de Geografia não utiliza essas tecnologias em sala de aula, preferindo uma “aula tradicional”, como foi apontado, pois, quando o assunto circunda o meio digital, os docentes ainda resistem, visto que, acreditam que os alunos são “digitalmente superiores” o que lhes tiraria a autoridade na “transmissão do saber”.

Ainda que haja perigos no caminho por não ser conhecido, esses dois universos – o dispositivo pedagógico e as redes de comunicação - que outrora eram incompatíveis, seguem a passos largos para se fundirem. E se vão colapsar ou não, ninguém sabe, mas somos conscientes que esse encontro se move a toda velocidade e que os meios de comunicação tendem a “atropelar” os muros da escola.

Apesar de sempre estar sendo alvo de observação, pesquisa e crítica nas mais variadas temáticas por muitos autores, e da legitimidade desses tensionamentos, a existência da escola continua sendo imprescindível para que a sociedade possa prosseguir funcionando.

Isso é apenas uma parcela do resultado da grande “aventura” de sermos contemporâneos e de nos permitir levar pela fluidez e velocidade dos novos tempos.

## REFERENCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.  
\_\_\_\_\_. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- COSTA, Marisa Vorraber. *A escola tem futuro*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.  
\_\_\_\_\_. Paisagens escolares no mundo contemporâneo. IN: SOMMER, Luiz H.; BUJES, Maria Isabel (orgs.). *Educação e cultura contemporânea*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2006.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- FISCHER, Rosa. Técnicas de si e tecnologias digitais. IN: SOMMER, Luiz H.; BUJES, Maria Isabel. *Educação e cultura contemporânea*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista *Brasileira de Educação*. Campinas, n. 19, jan./fev./mar./abril 2002.  
\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.
- GARBIN, Elisabete Maria. *Na trilha sonora da vida*. Disponível em: <  
[http://www.ufrgs.br/neccso/word/texto\\_bethe\\_trilhasonora.doc](http://www.ufrgs.br/neccso/word/texto_bethe_trilhasonora.doc)> Acesso em: 04 dez. 2013.  
\_\_\_\_\_. *Cultur@s juvenis, identid@des e Internet*: Disponível em:  
[www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a08.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a08.pdf)
- GUERRA, Leonor Bezerra. *Cérebro, criança e mídia*. Rio de Janeiro: Pontocom, 2013.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Buenos Aires: Elaleph. 2001.
- KLEIN, N. *Sem Logo: marcas em um planeta vendido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants*. MCB University Press, 2001.
- SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio De Janeiro: Contraponto, 2012.

THOMPSON, J. A mídia e a modernidade: teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2008.

TONINI, Ivaine M. Movimentando-se pela Web 2.0 para ensinar Geografia. IN: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; KAERCHER, Nestor A.; TONINI, Ivaine M. (Orgs.) *Movimentos no ensinar Geografia*. Porto Alegre: Compasso, 2013.

VALERIUS, Daniel, *Identidades (nem tão) virtuais assim: um olhar sobre as identidades territoriais no ciberespaço*. Dissertação de Mestrado UFRGS. Porto Alegre. 2011.

VEIGA NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. IN: COSTA, Marisa Vorraber. *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

XAVIER, Maria Luisa. Escola contemporânea – o desafio do enfrentamento de novos papés, funções e compromissos. IN: *Pedagogias Sem Fronteiras*. Org. BUJES, Maria Isabel H. e BONIN, Jara T. Canoas: Ed. ULBRA, 2010, 184p.